

+ Educação Inclusiva:
DA REFLEXÃO À AÇÃO

[MANUAL DE BOAS PRÁTICAS]

EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA PRÁTICA:

ALUNOS DENTRO DO

ESPECTRO DO AUTISMO



MÓDULO

05

MÓDULO 5

5. EDUCAÇÃO INCLUSIVA - ALUNOS DENTRO DO ESPECTRO DO AUTISMO	120
5.1. CONHECER PARA COMPREENDER O AUTISMO	121
5.2. AMBIENTE EDUCATIVO	127
5.2.1. O ambiente de sala de aula	127
5.2.2. O Ambiente de recreio e refeitório	131
5.3. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	132
5.3.1. Limitar os estímulos sensoriais	132
5.3.2. Uso do método Análise do Comportamento Aplicada	132
5.3.3. Dar respostas adequadas aos alunos	133
5.3.4. Estratégias de compreensão da Leitura	133
5.3.5. Estratégias para promoção e melhoria da Escrita	134
5.3.6. Estratégias de abordagem ao Currículo	135
5.3.7. Estratégias para o ensino da Matemática	136
5.3.8. Estratégias para as aulas de Educação Física	137
5.3.9. Estratégias para as aulas de Música	137
5.3.10. Estratégias para as aulas de Arte	137
5.3.11. Estratégias para as aulas de Tecnologias da Informação e Comunicação	138
5.3.12. Práticas em espaços comuns - recreio e refeitório	141
5.4. OS COMPORTAMENTOS DESAFIANTES E AS PRÁTICAS DE GESTÃO DE COMPORTAMENTO	143
5.4.1. Causas do comportamento	147
5.4.2. Abordagem centrada na pessoa	149
5.4.3. Estratégias positivas para melhoria do comportamento	150
5.4.4. Situações de crise	153
5.5. RECURSOS EDUCATIVOS	156
5.5.1. Estrutura universal do pensamento	156
5.5.2. A importância de colorir	156
5.5.3. Brinquedos fidget	156
5.5.4. Cartões de emoção	157
5.5.5. Organizadores gráficos	157
5.5.6. Caixas sensoriais	158
ANEXO 1 - GUIA DE SOBREVIVÊNCIA	159
ANEXO 2 - FOLHETO	161
RECURSOS ADICIONAIS	164
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	165

5. EDUCAÇÃO INCLUSIVA - ALUNOS DENTRO DO ESPECTRO DO AUTISMO

O termo
"autismo"
deriva do grego **"autos"**
que significa
"voltar-se para si mesmo"



5.1. CONHECER PARA COMPREENDER O AUTISMO

A Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) é uma terminologia recente que surgiu como forma de designar um conjunto de subgrupos, com características específicas, que afetam o comportamento e as relações sociais dos sujeitos com esta condição médica. É conhecida como uma perturbação do neurodesenvolvimento onde o déficit de comunicação e interação social, bem como a alteração ao nível do comportamento são características associadas a esta condição. O Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-5 rotula estes distúrbios como um espectro, justamente por se manifestarem em diferentes níveis de intensidade. Uma pessoa diagnosticada com grau 1 apresenta prejuízos leves, que podem não a impedir de estudar, trabalhar e se relacionar. Um indivíduo com grau 2 tem um menor grau de independência e necessita de algum auxílio para desempenhar funções quotidianas, como tomar banho ou preparar a sua refeição. Já a pessoa dentro do espectro autista com grau 3 vai manifestar dificuldades graves e costuma precisar de apoio especializado ao longo da vida.

O diagnóstico médico da Perturbação do Espectro do Autismo ocorre durante os primeiros anos de vida, mais precisamente nos três primeiros anos. Todavia, é possível reconhecer alguns dos sintomas até aos 18 meses de vida da criança, sendo que o diagnóstico raramente vem depois dos 24 meses.

É importante salientar que crianças cujas capacidades e competências escolares se desenvolvem durante a idade habitual, ou que, pelo contrário, estão super desenvolvidas (matemática, memorização, por exemplo) comparativamente aos seus pares, o diagnóstico poderá chegar após os primeiros anos da vida académica. Não obstante, existe a possibilidade de estes serem diagnosticados já na fase adulta, o que dificulta, não só a intervenção, como também a alocação dos apoios de que carecem.

A ciência ainda não descobriu a real causa desta perturbação, contudo existe um consenso relativamente à possibilidade da combinação de fatores não só genéticos, como também neurológicos e ambientais estarem na base desta condição.

FUNDAMENTAL

Saber que, por se tratar de um espectro, as crianças diagnosticadas com esta condição apresentam diferentes níveis, não só de dificuldades e necessidades, como também de capacidades, nomeadamente a nível intelectual.



O CONCEITO DE NEURODIVERSIDADE

A neurodiversidade é um conceito que abrange todas as condições neurológicas humanas, sejam elas típicas ou atípicas – caso das pessoas com PEA. O olhar neurodiverso permite-nos compreender as perturbações de neurodesenvolvimento não como algo fora do comum ou que precise de cura, mas como parte da imensa variedade de formações cerebrais naturais possíveis entre os seres humanos.

É a ideia de neurodiversidade que nos ajuda a compreender que a PEA não tem cura. Esta é uma condição – entre tantas outras – com as quais alguns seres humanos nascem e que, devido às suas especificidades, requer acompanhamento especializado para que a pessoa, como qualquer outra, possa desenvolver-se de forma plena dentro das suas potencialidades.

(2021, Instituto Inclusão Brasil)

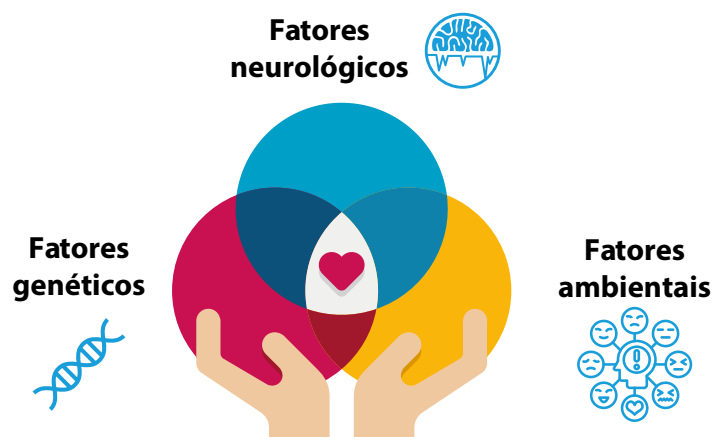
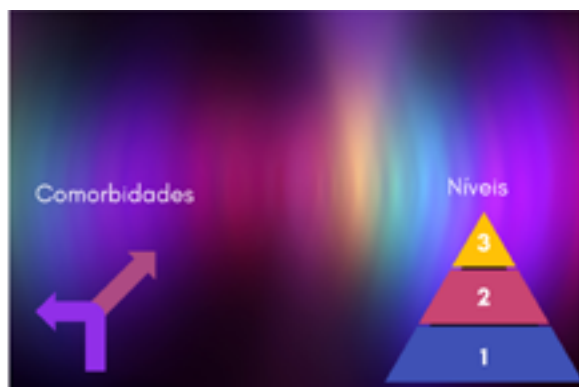
O tabu em torno desta perturbação tem vindo a diminuir à medida que se avança no acesso ao diagnóstico, nas produções culturais (séries, filmes, livros) em que o universo de indivíduos com autismo aparece representado e também no entendimento do conceito de neurodiversidade. O aumento da prevalência está ligado também ao entendimento da diversidade de manifestações da Perturbação – daí vem o termo "espectro". Quando se afirma que o autismo é um espectro, faz-se referência à sua ampla variedade de manifestações.

Há dois fatores que obrigatoriamente têm de estar presentes para confirmar que uma pessoa tem autismo. Os chamados “critérios diagnósticos” são:

- a presença de prejuízos na comunicação e na interação social.
- a existência de comportamentos repetitivos e restritivos.

Cada pessoa com PEA vai manifestar estes dois elementos em diferentes níveis de intensidade, o que vai definir onde ela está no espectro do autismo. Mas este não é um distúrbio que ocorre de forma isolada, e é aí que entram as comorbidades. Além dos 3 níveis associados ao autismo, a variedade é imensa: o autismo pode manifestar uma infinidade de comorbidades e também estar associado a diferentes síndromes como a de Down, por exemplo.

Comorbidade é um termo médico que descreve outras condições que podem manifestar-se juntamente com PEA. “Elas estão presentes em cerca de 70% dos indivíduos com PEA, sendo que 48% deles podem ter mais de uma comorbidade.” (Autismo e Realidade, 2020); Estas condições associadas podem ser psiquiátricas, como PHDA, ou médicas, como distúrbios do sono.



Outros exemplos de comorbidades associadas à PEA são:

Perturbação do Desenvolvimento Intelectual

É uma Perturbação do desenvolvimento que provoca défices nas capacidades mentais genéricas e prejuízos na função adaptativa diária.

Défices na linguagem

Todos os autistas têm algum nível de limitação na comunicação, como não compreender expressões faciais. “Mais de metade dos autistas desenvolve algum problema com a fala e 25% são não-verbais” (Autismo e Realidade, 2020).

Ansiedade

Ou numa terminologia mais correta, **Perturbação de Ansiedade Generalizada**, definida como uma preocupação persistente e excessiva por diferentes assuntos e, ao longo da vida, o foco das preocupações pode variar de um tema para outro.

Problemas de atenção, impulsividade ou hiperatividade

Cerca de 59% das pessoas com PEA apresentam sintomas de Perturbação de Hiperatividade e Déficit de Atenção (PHDA), o que faz com que muitas vezes se confundam os dois distúrbios (Autismo e Realidade, 2020).

Alterações de sono

Mais de 70% das pessoas no espectro do autismo podem desenvolver alguma alteração no sono (Autismo e Realidade, 2020).

Perturbação Obsessivo Compulsivo (POC)

O POC é caracterizado pela presença de obsessões e/ou compulsões. Obsessões são pensamentos, impulsos ou imagens recorrentes e persistentes que são vivenciados como intrusivos e indesejados, enquanto compulsões são comportamentos repetitivos ou atos mentais que um indivíduo se sente compelido a executar.



NEUROATÍPICO OU NEURODIVERGENTE?

Para esclarecer qualquer dúvida sobre a adoção dos termos mais corretos para se referir a pessoas com autismo, sem autismo ou com outros tipos de perturbações, elencamos definições simples:

Neurotípico

É um termo que se refere a sujeitos que apresentam desenvolvimento e funcionamento neurológico típico, isto é, dentro dos padrões regulares. Podemos utilizar este termo para mencionar, por exemplo, um adulto ou uma criança funcional que não apresenta alterações significativas na memória, atenção, cognição e assim por diante.

O termo neurotípico denomina indivíduos que não manifestam alterações neurológicas ou do neurodesenvolvimento, como o autismo.

Pessoas com Perturbação do Espectro do Autismo são consideradas pessoas neuroatípicas.

Todos nós, neurotípicos e neuroatípicos, somos neurodiversos.

Neurodivergente

Conceito utilizado para designar pessoas que apresentam alterações no funcionamento cognitivo, comportamental, neurológico e neuro-anatómico. Ou seja, referem-se a alterações como a PEA, PHDA, Síndrome de Tourette, Depressão, Dislexia, Esquizofrenia, entre outros.

O CONCEITO DO CAPACITISMO

O termo "capacitismo" refere-se à discriminação contra pessoas com qualquer tipo de incapacidade. Trata-se de uma manifestação de preconceito para com as pessoas com algum tipo de incapacidade, ao pressupor que existe um padrão corporal ideal e que a fuga desses padrões torna as pessoas incapazes de participarem ativamente na sociedade (Instituto Inclusão Brasil, 2021).

Esta prática é visível em vários aspectos, desde logo ao nível do acesso ao meio físico, bem como das barreiras existentes, à participação ativa nos vários setores da sociedade. Mencionar, também que, as barreiras socioemocionais, implícitas no modo como estes sujeitos são tratados por parte da sociedade (como incapazes, dependentes ou sem voz própria), são, também elas, uma forma de manifestar este capacitismo.

Tratar uma pessoa com deficiência de forma infantilizada e/ou incapaz de compreender o mundo é muito comum na Educação. Exemplo disso é a prática de tratar a criança por diminutivos.

O Capacitismo nega a cidadania, ao enfatizar a deficiência e não a pessoa humana.



SINTOMAS ASSOCIADOS À PEA

Apesar da existência de subgrupos dentro desta perturbação, podemos destacar uma tríade de sintomas que afetam o comportamento nas seguintes dimensões:

Compreensão e utilização da comunicação verbal e não verbal

Muitas crianças com esta perturbação demonstram dificuldade, não só para desenvolver uma comunicação eficaz, como também para compreender a comunicação e linguagem dos demais. Além disso, muitas delas apresentam atrasos ao nível da fala e outras nem desenvolvem esta competência. Nestas situações, é importante o uso de recursos como forma de estimular estas competências, como por exemplo através de imagens, fotografias e gestos.

Capacidade de interagir c/ crianças e adultos e dificuldade em manter relações sociais

As crianças com PEA têm dificuldade ao nível dos comportamentos e das interações sociais. Para elas compreender o comportamento social dos demais, bem como manter um comportamento socialmente apropriado é difícil.

Estas crianças, em contexto social, manifestam regularmente dificuldade em jogar/ conviver e comunicar com os pares e, por vezes, este comportamento pode ser compreendido como falta de educação, levar a pensar que a criança seja preguiçosa, interpretações erradas decorrentes do total desconhecimento desta perturbação.

Comportamentos repetitivos e obsessivos

É normal que as crianças com esta condição manifestem comportamentos de cariz repetitivo. Por exemplo, não brincam com brinquedos de modo tradicional. Elas preferem observar ou rodar, de modo repetitivo e constante objetos ou, por exemplo, rodar uma roda de um carrinho com concentração extremo e por longos períodos de tempo. Por outro lado, há crianças que desenvolvem interesses profundos por atividades ou temas específicos.

Apesar do mencionado, existe uma tendência destas crianças brincarem isoladamente dos seus pares. (APA, 2013, cit in Lima, 2018).

Outros sintomas relevantes mais associados à comunicação e interação social são:

- ✓ Atraso ou ausência da fala, incluindo perda da linguagem adquirida até então.
- ✓ Uso errado dos pronomes (troca o “eu” por “tu”).
- ✓ Dificuldade em brincar com os pares.
- ✓ Ausência do contacto visual.
- ✓ Pegar na mão do familiar com a intenção de o guiar a um objeto ou atividade que deseja fazer.
- ✓ Interesses ou atividades lúdicas raras.
- ✓ Respostas atípicas a sons, cheiros e texturas, sabores e imagens.
- ✓ Resistência à mudança de rotinas.



Algumas crianças com PEA, como já vimos, podem ter percepções distintas ao nível dos sentidos, ou seja, ao nível dos sons, cheiros, toque, visão e sabores, afetando a sua reação aos mesmos. Esta hipersensibilidade acarreta implicações, não só a nível doméstico, como também a nível escolar.

Além disso, podem manifestar padrões de sono irregulares, bem como problemas comportamentais. Portanto, estas crianças têm, na verdade, uma forma peculiar de ver, sentir e reagir à realidade.

Apesar das dificuldades anteriormente mencionadas, a verdade é que a maioria destas crianças apresenta um conjunto de capacidades, nomeadamente:

- ✓ Capacidade de se concentrarem nos detalhes e atividades de interesse, muitas das vezes, por longos períodos de tempo.
- ✓ Capacidade de direcionar a atenção a uma determinada tarefa e/ ou atividade, desenvolvendo, assim, na maior parte das vezes, um nível de habilidade excelente, comparativamente às outras pessoas.
- ✓ Melhor capacidade de captar informação através da visão do que oralmente.
- ✓ Pelas suas especificidades, estas crianças têm uma maior propensão a atingir o sucesso académico em áreas técnicas e matemáticas como, por exemplo engenharias, TIC e música.

Sabemos que a PEA apresenta um conjunto de características que dificultam a forma de ser e estar da criança. É fundamental que as percecionemos como sendo uma forma de ver e sentir o mundo distinta dos demais. Apropriarmo-nos desta visão é para que a sociedade não se foque apenas nas dificuldades que esta condição acarreta ao sujeito. Por outro lado, importa encorajar as pessoas a valorizarem as capacidades destas crianças, por forma a que possam desenvolver os seus interesses e atividades de forma saudável. Aqui, os pais, familiares, professores e demais profissionais são convidados a assumirem um papel empático e tentarem “calçar os sapatos” destas crianças, por forma a compreendê-las e conseqüentemente, ajudá-las a superar as suas dificuldades e potenciar as suas capacidades através da adequação de estratégias.



5.2. AMBIENTE EDUCATIVO

As necessidades educativas das crianças com PEA variam de acordo com as suas potencialidades, necessidades e interesses. Assim, é fundamental uma avaliação individual para determinar a estratégia pedagógica mais adequada.

Em Portugal, por exemplo, estas crianças desenvolvem o seu percurso académico nas escolas regulares, onde lhes são alocadas medidas de suporte à aprendizagem. Todavia, esta realidade não é transversal à maioria dos Sistemas de Ensino. Noutros países, a realidade é distinta uma vez que estas frequentam escolas direcionadas para a educação de crianças com dificuldades ao nível das aprendizagens ou escolas específicas na área do autismo.

5.2.1. O AMBIENTE DE SALA DE AULA

O ambiente de sala de aula pode impactar na forma como o aluno com PEA desenvolve a sua aprendizagem. Um ambiente livre de distrações e estruturado/previsível é mais propício à aprendizagem e comportamento das crianças que:

- Se distraem facilmente.
- Apresentam desafios a nível de perceção (por exemplo, podem ter dificuldade em visualizar onde se devem sentar, onde fica a sua área na sala, como passar do ponto A para o ponto B).
- Dificuldade em compreender instruções verbais.



Partilhamos **5 dicas** para manter o espaço sala de aula livre de distrações e organizada:

1. MANTER OS MATERIAIS FORA DE VISTA QUANDO NÃO ESTIVEREM A SER UTILIZADOS

Tendencialmente as crianças com PEA podem ficar sobrecarregadas ou sobre estimuladas diante de demasiada informação visual e tátil, pelo que é importante:

- Determinar um lugar específico para as coisas (por exemplo, brinquedos num contentor, papéis e canetas numa gaveta, etc.) como no exemplo da figura 1.
- Manter o material que possa distrair a criança longe do ambiente onde está.
- No caso de existirem recipientes visíveis nas prateleiras da sala de aula, devem ser camuflados, por forma a não distrair a criança, evitando assim situações como mexer e tirar os materiais.
- Determinar um horário para os alunos irem buscar os materiais ou dar instruções diretas e claras para o fazerem. Caso a criança tenham dificuldade em entender a linguagem verbal, utilizar palavras e imagens para indicar o pretendido. Isto ajudará a criança a identificar onde pode ir buscar os brinquedos ou materiais. Veja-mos os exemplos da figura 2.



Figura 1



Figura 2

2. REDUZIR O QUE ESTÁ EXPOSTO NAS PAREDES

Muitas vezes as crianças com PEA podem distrair-se facilmente com os materiais expostos e/ou decorações nas paredes. Neste sentido, e por forma a minimizar as distrações, é importante que tenham o cuidado de manter estas decorações num único local da sala de aula, em vez de utilizarem todo o espaço. A redução dos estímulos visuais é importante para a estabilidade destas crianças. Consideremos os exemplos da figura 3.



Figura 3

3. DEFINIR ÁREAS NO ESPAÇO DA SALA DE AULA OU NO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM

Esta estratégia é adotada em ambientes de sala de aula onde existem vários espaços (espaço da leitura, das ciências, do lúdico, entre outros). Por forma a delimitar estas zonas, os profissionais podem usar alcatifas de diferentes cores, ou ainda divisórias com estantes com livros ou outros materiais.

Um ambiente de sala de aula com estas características beneficia os alunos que:

- a. Se distraem facilmente.
- b. Têm dificuldade em permanecer num determinado espaço da sala de aula.
- c. Têm dificuldade em orientar-se na sala de aula.

É essencial o uso de imagens ou palavras para identificar os espaços.

Tomemos como exemplo a Figura 4, onde o espaço de estudo da criança é identificado.



Figura 4

4. ELABORAR UM HORÁRIO (ESCRITO OU COM RECURSO A IMAGENS)

Por forma a organizar como a criança irá usufruir dos espaços da sala de aula, é importante a elaboração de um horário. Assim, a criança sabe quando irá frequentar determinado espaço.

Alguns alunos têm mais facilidade quando recorrem a mini agendamentos, como, por exemplo: primeiro fazer o puzzle e depois uma atividade de informática.

Por forma a que as crianças saibam quais as atividades realizadas, os professores podem optar por um horário onde as diferentes componentes sejam removidas para que as crianças saibam que partes já foram concluídas e o que ainda têm de fazer (Figura 5).



Figura 5

Fonte: Fundación Purísima Concepción
Hermanas Hospitalarias

5. DEFINIÇÃO PERSONALIZADA DO LUGAR ESPECÍFICO DO ALUNO

Muitos alunos têm a necessidade de ter o seu lugar específico para desenvolver determinada tarefa. Assim, definir visualmente uma área, por exemplo: uma criança que tenha dificuldade em permanecer na sua área designada na sala de aula pode beneficiar de fita adesiva no chão à volta do seu lugar, para que saiba onde se espera que esteja.

Uma outra alternativa é definir a área de cada criança do grupo, recorrendo a tapetes de diferentes cores, como mostra o exemplo da figura 6.



Figura 6

Abordamos algumas boas práticas a considerar em contexto de sala de aula que são úteis independentemente das dificuldades que o aluno possa apresentar. Quando falamos de alunos com PEA, torna-se essencial mencionar estratégias mais específicas.

Um **ambiente acolhedor e relaxante** – incluindo livros, cobertores confortáveis e alguns objetos calmantes, como por exemplo:

- a. Bola de estabilidade.
- b. Cadeiras giratórias (algumas salas de aula estão a substituir as cadeiras tradicionais por esta alternativa).
- c. Baloço suspenso ou um trampolim.

Além dos objetos mencionados, sugere-se a criação de espaços de descanso ou de autorregulação direcionados para alunos que precisem de pausas ao longo do dia.

Podem ser incluídos, também, objetos sensoriais nas salas de aula. Incorporar itens sensoriais/fidget, como mostra o exemplo da figura 8, também na área de pausa, ou ainda permitir que os alunos possam utilizar objetos fidget como forma de se autorregularem e proporcionar bem-estar. De salientar que os alunos devem ter orientações diretas e claras acerca de como estes objetos são utilizados em sala de aula, evitando assim momentos de distração.

Resumidamente, para mantermos um ambiente de sala de aula adequado, devemos considerar os seguintes pontos:

- ✓ Minimizar as distrações em sala de aula.
- ✓ Manter o espaço sala de aula e materiais organizados.
- ✓ Estabelecer um horário das atividades e espaços a utilizar em sala de aula.
- ✓ Definir os espaços da sala de aula (espaço de informática, leitura, lúdico, entre outros).
- ✓ Manter um ambiente de sala de aula calmo e relaxante.
- ✓ Incluir cadeiras giratórias, por forma a permitir o movimento.
- ✓ Incluir e permitir o uso de objetos sensoriais.



Figura 7



Figura 8

5.2.2. O AMBIENTE DE RECREIO E REFEITÓRIO

O recreio e o almoço são os momentos do dia menos estruturados e, por isso, mais difíceis para uma criança com dificuldades de comunicação e de organização. Descobrir como se manter ocupado e se divertir num pátio, sem regras definidas, é o grande desafio.

Como pode a escola acolher estes alunos, sem os segregar em áreas mais isoladas e silenciosas da escola? Criando sinaléticas e espaços específicos que facilitem a interpretação de "para onde pode ir e o que encontrará". Da mesma forma, no espaço de refeitório pode ser assinalada visualmente a área onde se senta a criança. Deve evitar-se que a criança almoce nos períodos mais conturbados. Pode-se escolher um local tranquilo, dentro do refeitório, de forma a garantir almoços menos agitados.

Ter um menú visual sempre disponível facilita as escolhas e a comunicação da criança.

Além das questões organizativas e sensoriais, este é um momento onde os défices na comunicação e nas habilidades sociais se tornam particularmente perceptíveis e geralmente muito dolorosas.

A gestão do espaço de almoço e as responsabilidades do recreio cabem aos assistentes operacionais, sendo necessário fazer chegar a estes profissionais algum entendimento sobre a PEA e das estratégias básicas que farão a diferença para uma criança nesta condição.

De salientar que nestes espaços, alarmes de incêndio ou certas campanhas ou sinos podem representar uma violência sensorial para crianças com PEA.



**DO NOT MAKE
LOUD NOISES**



5.3. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Alunos com PEA são desafiados diariamente em vários contextos, nomeadamente o educativo. É importante que os profissionais educativos compreendam esta perturbação por forma a melhor intervir e ajudar estas crianças a atingirem o seu sucesso educativo. Para tal, é fundamental a implementação de estratégias pedagógicas adequadas às suas reais necessidades de aprendizagem.

Consideremos as seguintes estratégias pedagógicas a assegurar em contexto de ensino e aprendizagem:

5.3.1. LIMITAR OS ESTÍMULOS SENSORIAIS

De acordo com alguns estudos, as pessoas com PEA experimentam hipersensibilidade sensorial, despoletando reações involuntárias e excessivas. As salas de aula podem ser espaços agitados, onde a permanência de estímulos sensoriais pode ser bastante perturbadora para estas crianças. Aqui, o professor tem um papel importante na identificação do estímulo e na tarefa de gerir a sobrecarga sensorial presente, não só na sala de aula como também no espaço de recreio. Assim, é fundamental que o professor conceda, por exemplo, alguns minutos aos seus alunos para relaxarem depois do intervalo. Permitir que os alunos usem os balneários quando estão vazios, entre outros comportamentos importantes para o bem-estar destes alunos. Permitir que os alunos saiam 5 minutos mais cedo para evitar a confusão nos corredores, também é uma boa prática.



5.3.2. USO DO MÉTODO ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA

A Análise do Comportamento Aplicada, ou ABA, é uma terapia que contribui para o ensino de novas competências, bem como o apoio à aprendizagem do aluno com PEA. Esta intervenção consiste na aquisição de competências, mas no aprimoramento das que já existem. Além disso, têm como foco a atenuação de certos comportamentos que comprometem a interação social destes alunos.

Numa fase inicial, a ABA envolve a identificação dos comportamentos e das habilidades que necessitam de ser melhoradas, por exemplo comunicação, interação social, entre outras. Posteriormente é delineada uma intervenção com base em estratégias comportamentais. Esta intervenção é conhecida por uma avaliação, antes, durante e após as intervenções, algo fundamental não só para analisar o progresso do aluno, como também para ajudar nas decisões relativamente a intervenções futuras, atividades da vida diária, competências motoras e académicas trazendo benefícios para os alunos com PEA.



Este método pode ser aplicado por qualquer profissional da área da saúde, ou da educação, desde que possua certificação para tal, ou seja, a Behavior Analyst Certification Board – BACB (Nascimento & Souza, 2018).

Os estudos revelam que esta intervenção a longo prazo traz benefícios para os alunos com PEA, nomeadamente: ao nível dos comportamentos; comunicação e socialização (Rosa, 2022).

5.3.3. DAR RESPOSTAS ADEQUADAS AOS ALUNOS

Os alunos com PEA apresentam dificuldades ao nível da comunicação e, neste sentido, é imprescindível manter um discurso coerente, claro e direto quando se trata de responder, colocar questões ou dar orientação para algo.

É importante ter o cuidado de evitar uma linguagem metafórica e abstrata, uma vez que facilitará a compreensão do aluno.



5.3.4. ESTRATÉGIAS DE COMPREENSÃO DA LEITURA

A capacidade de leitura é essencial para o desenvolvimento das aprendizagens ao longo da vida. De acordo com *The Children's Reading Foundation*, as crianças com má compreensão de leitura têm mais probabilidades de desenvolver "baixa autoestima e sentimentos de inadequação" podendo estas inclusivé potenciar "problemas de assiduidade e abandono escolar".

As dificuldades ao nível da leitura são comuns nos alunos que manifestam PEA. Por isso, os professores devem estar atentos à adequação das estratégias de alfabetização a utilizar junto destes. Destacamos aquelas que concorrem mais para desenvolver e estimular a leitura:

- Fomentar o interesse pelos livros o mais precocemente possível.
- Encorajar a família a desenvolver atividades de leitura em contexto doméstico.
- Ensinar o processo de alfabetização utilizando vários recursos, nomeadamente tecnológicos.
- Fornecer resumos ou pré-exposição a um novo livro de leitura antes de sua iniciação. Identificar a linha da história, enredo, personagens principais e configuração visual - se possível - para situar o aluno na história do livro.
- Fornecer estrutura específica para as perguntas quando se espera uma resposta para a compreensão. Usar múltiplas escolhas, frases fechadas, banco de palavras ou respostas de partida. Considerando que poderia ser muito difícil de responder "John, como



é que o lobo encontrou a casa da avó?", Um aluno com autismo pode mostrar compreensão, se perguntar: "John, o lobo encontrou a casa da avó ao atravessar o rio e...?".

- Ao dar escolhas, saber quantas escolhas são adequadas. Alguns podem ser capazes de escolher entre quatro opções, algumas de apenas dois. Reduzir o número de escolhas é uma maneira simples de tornar uma tarefa simples para o aluno.

É importante estar ciente de que uma alta proporção de alunos com PEA de alta funcionalidade são adeptos à codificação e usam palavras, mas podem ter problemas significativos com compreensão. Alguns alunos podem ser diagnosticados com hiperlexia.

5.3.5. ESTRATÉGIAS PARA PROMOÇÃO E MELHORIA DA ESCRITA

É essencial reconhecer que a escrita envolve habilidades de linguagem expressiva, de recuperação de palavra, de organização de pensamentos e habilidades motoras finas que, muitas vezes, são desafios para os alunos com autismo. Estratégias para apoiar cada uma dessas áreas de necessidade são muitas vezes necessárias.

Algumas boas práticas no que diz respeito à escrita, segundo a Autism Speaks:

- Usar recursos visuais para solicitar linguagem - imagens, bancos de palavra, etc.
- Começar com frases soltas.
- Ensinar/desenvolver vocabulário descritivo.
- Usar ferramentas de modelo de organização para todas as tarefas escritas - webs, esboços, etc. Como usar estas ferramentas requer instrução específica e uso consistente e repetido das mesmas provavelmente resultará numa maior independência e sucesso.
- Considerar o uso do ditado, de programas de computação gráfica para apoiar o seu aluno. Considere um teclado AlphaSmart como recurso de suporte.
- Procurar por conteúdo, em vez de encenar ou escrever uma peça, sabendo que a escrita pode precisar ser avaliada por métodos alternativos do que aqueles utilizados para a turma em geral. Por exemplo, considerar se o aluno respondeu às perguntas de conteúdo em vez de avaliar apenas a escrita.



5.3.6. ESTRATÉGIAS DE ABORDAGEM AO CURRÍCULO

A mesma fonte (Autism Speaks), sugere que na abordagem de questões curriculares e fazer modificações ou acomodações acadêmicas, é importante manter em mente as seguintes sugestões:

- Definir objetivos curriculares básicos e concentrar-se neles - para alguns alunos isto pode ser tão simples quanto um ou dois componentes básicos dentro de uma unidade.
- Concentrar-se em ensinar menos conteúdo, mas ensinar a maestria e, quando apropriado, fluência.
- Garantir que os alunos tenham materiais de sala de aula antes do tempo.
- Pré-ensinar vocabulário novo e conceitos-chave relevantes, concentrando-se naqueles que constroem e se repetem em todo o currículo.
- Confirmar que as informações apresentadas pelo professor são acessíveis ao aluno: saber a quantidade de informação verbal que o aluno pode processar, considerar maneiras de dividir a informação em partes gerenciáveis, com destaque para os pontos-chave, proporcionando esquemas, notas de estudo, etc.
- Use recursos visuais, sempre que possível, para organizar, melhorar a compreensão e avaliar.
- Considerar nos trabalhos para casa, o estabelecimento de um método de gravação, apresentar expectativas definidas e considerar possíveis acomodações de horário se necessário.
- Ao avaliar, reduzir as expectativas de desempenho em áreas de dificuldade do aluno - para testar conceitos de conhecimento, substituir ensaios com múltipla escolha ou preencher as questões em branco por bancos de palavras ou substituir parágrafos com teias que mostram relacionamentos, etc.
- Ensinar e testar regularmente e em pequenos pedaços: verificar a compreensão.
- Considerar a permissão de mais tempo ou uma configuração alternativa para testes.
- Rever, repetir e seguir em frente quando o aluno demonstra proficiência.
- Se o aluno tem dificuldade de aprendizagem de um conceito ou habilidade, repense como o material está a ser apresentado.



IMPORTANTE

Tenha presente que se um aluno com autismo tem interesse numa área, ele pode se tornar o especialista da turma num determinado tema. Esta pode ser uma forma de permitir a esse aluno brilhar, bem como proporcionar uma oportunidade de motivação usando a sua área de interesse particular para motivar a flexibilidade ou a disponibilidade para aprender novos assuntos..



5.3.7. ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA

Reconhecendo que esta área representa, muitas vezes, uma grande variabilidade nos níveis de habilidade, significa que a instrução provável necessitará de individualização. Um estudante que pode realizar a multiplicação de dois dígitos de cabeça pode ter grande dificuldade em conceituar números negativos ou em medição. Problemas com palavras, em particular, são uma área notável de combate. Use as áreas fortes do aluno para construir a sua autoconfiança e a motivação para trabalhar em áreas de desafio.

Além disso:

- À semelhança de outras disciplinas, dividir a matemática em partes específicas usando dados visuais e manipulativos.
- Usar estratégias como o TOUCHMATH para ajudar – Trata-se de um programa de matemática multisensorial que torna conceitos de matemática crítica apelativos e acessíveis para alunos que lutam para entender o conteúdo.
- Alunos com autismo, muitas vezes, aprendem padrões envolvidos numa habilidade em vez dos seus conceitos.
- Para as habilidades que requerem aprendizagem e execução precisa, empregar estratégias de ensino que assegurem o desenvolvimento correto da habilidade desde o início. Como o ensino corretivo geralmente é menos eficaz, desaprender maus hábitos pode ser muito mais difícil para os alunos com autismo.

Mais uma vez, é importante estar consciente sobre a aprendizagem e nunca esquecer que uma criança que passa meses a aprender como adicionar e a aprender a subtrair, pode demorar meses para aprender a olhar para o sinal misto adição / subtração.



5.3.8. ESTRATÉGIAS PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Primeiramente, é importante estar ciente da parte motora do aluno, do seu tempo, linguagem e problemas de atenção que podem afetar o seu desempenho e interesse, e faça as acomodações apropriadas. Não exclua o aluno da sua participação nestas aulas.

Em 2º lugar é também fundamental reconhecer que, apesar do aluno poder não ser capaz de acompanhar o ritmo de aprendizagem e a atividade de toda a turma, ele pode ser capaz de aprender componentes de um desporto ou de uma atividade, além de representar sempre uma valiosa oportunidade de exercício social.

Boas práticas recomendadas pela Autism Speaks:

- Prestar atenção à presença ou entrada de estímulos altamente sensoriais que podem afetar o aluno, nomeadamente nos balneários e pavilhões fechados (ecos, apitos, alunos a correr e a gritar, etc).
- Dividir tarefas em pequenos componentes e recompense os sucessos – um aluno que aprende a atirar aros ganha uma habilidade valiosa em troca e uma oportunidade para a interação social com os colegas.
- Solicitar a colaboração da educação especial na formação do comportamento apropriado nos balneários, convenções sociais relativas à privacidade, usando narrativas sociais, etc.

5.3.9. ESTRATÉGIAS PARA AS AULAS DE MÚSICA

Sabia que muitos indivíduos com autismo são fortes em música, e que se pode usar este facto para recompensar, motivar e ensinar?

O senso de ritmo e interesse pela música podem ser usados para motivar a criança a participar numa atividade.

Como a música é processada em uma área diferente do cérebro do que a linguagem, alguns indivíduos com capacidade de linguagem limitada são capazes de cantar, e a canção pode ser usada para ensinar conceitos ou ajudar no desenvolvimento da memória.

5.3.10. ESTRATÉGIAS PARA AS AULAS DE ARTE

As fortes habilidades visuais, um senso de percepção visual ou uma perspectiva única muitas vezes podem resultar numa habilidade artística significativa em alguns indivíduos com autismo. Outros podem ter um interesse especial na cor e serem os peritos da turma sobre combinações de cores e aplicação dos princípios da roda das cores.

Todavia, devido a problemas sensoriais / táteis, alguns alunos podem ter dificuldade com a aula de arte ou determinados projetos de arte (por exemplo, argila nas mãos, odores de materiais, etc.).



5.3.11. ESTRATÉGIAS PARA AS AULAS DE TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC)

Até mesmo uma criança muito jovem com autismo pode mostrar uma grande afinidade por tecnologia, sendo capaz de encontrar imediatamente o botão de "ligar" em qualquer TV que encontra.

A acuidade visual, as várias formas de armazenamento/acesso à informação e a criação de processos de pensamento tornam muitas vezes indivíduos com autismo aptos à utilização do computador nas especificidades de programação, operação de som, produção de filmes, etc.

Um aluno no quadro do autismo pode ser um grande trunfo no desenvolvimento de recursos tecnológicos, mas as dificuldades comunicacionais podem impedi-lo de ser capaz de explicar como as coisas funcionam.

Experimente recorrer a um aluno com problemas de resolução e conhecimentos técnicos para fazer outras tarefas mais fáceis (substitua a escrita pela digitação, produzir um vídeo em vez de escrever um papel) ou para motivar a atenção para outras áreas.

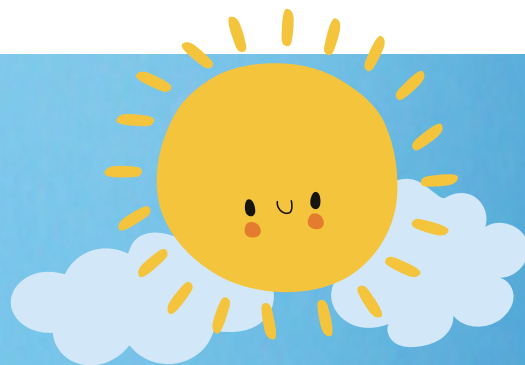


Concluindo, independentemente das práticas pedagógicas apresentadas, **é importante que TODOS os professores:**

- ✓ Estejam cientes das características do autismo assim como das especificidades de cada aluno, que devem ser consideradas, evitando ou gerindo situações.
- ✓ É essencial ter conhecimento das características de autismo em geral e do aluno em particular. Conhecer o seu estilo de aprendizagem, preferências, necessidades e pontos fortes são medidas promissoras e de duplo benefício aluno-professor.
- ✓ Estejam conscientes dos desafios de comunicação com os alunos no quadro do autismo. Devem solicitar diretrizes para a comunicação à equipa de educação especial (ou equipa multidisciplinar), sabendo que o tempo de espera por uma resposta a uma determinada pergunta, o uso de um dispositivo de comunicação alternativo ou o uso de estratégias de comunicação tais como troca de foto podem ser necessários.
- ✓ Colaborar com o pessoal da educação especial para fornecer estratégias para a modificação do currículo, tais como suporte visual, acesso à comunicação, ferramentas organizacionais, e diretamente ensinar habilidades de estudo (anotações, gestão do tempo, etc.).
- ✓ Certificar-se que atividades como passeios, apresentações de turma são tratadas antes do tempo. Pense em maneiras como o estudante pode ser incluído, planeie tudo antecipadamente com a equipa de apoio.
- ✓ Visitas de estudo: use uma narrativa social para descrever para o aluno, onde a viagem é, que ele vai estar com a figura de referência, o que vai acontecer e o cronograma para o dia. Quando possível inclua imagens.
- ✓ Estejam atentos à necessidade do aluno para desenvolver habilidades da vida diária e promoção da capacidade e independência tanto quanto possível. Explorar oportunidades para os funcionários da escola a pensar criativamente – Exemplo: o recreio pode ser um grande momento para uma intervenção do fonoaudiólogo ou do terapeuta ocupacional, que poderia modelar estratégias e criar jogos que o pessoal diário (e colegas) poderiam continuar nos dias em que eles não fornecem terapia direta.
- ✓ Os técnicos operacionais presentes no recreio devem estar em sintonia com as estratégias modeladas pelos professores e terapeutas do aluno e pedir sua ajuda com as áreas sensíveis.
- ✓ Não se esqueçam que saudações amistosas, aceitação e paciência podem ajudar a fazer a criança sentir-se confortável na escola e as pequenas responsabilidades podem ajudá-la a sentir pertença à comunidade escolar.

Devemos ainda considerar as orientações expostas no manual “Boas práticas na sala de aula inclusiva” do Agrupamento de Escolas Gil Eanes (2020), por forma a tornar as práticas educativas em contexto sala de aula, não só mais flexíveis, mas também mais inclusivas. Neste sentido, partilhamos as seguintes atitudes:

- ✓ Expor, perante os alunos expectativas e regras claras relativamente ao comportamento.
- ✓ Partilhar e inculcar comportamentos relativos à etiqueta social (a considerar em situações onde existe ausência ou dificuldade a este nível).
- ✓ Inculcar no aluno conhecimento sobre o que pode e não pode fazer/dizer através da exposição, bem como da criação de situações “faz de conta”.
- ✓ Utilizar sempre o reforço positivo, por forma a obter um determinado comportamento por parte do aluno.
- ✓ Promover o trabalho em grupo.
- ✓ Conceder ao aluno momentos de pausa, ou desviar a atenção do aluno para algo que goste, sempre que este demonstrar ansiedade, agitação ou comportamentos desajustados.



5.3.12. PRÁTICAS EM ESPAÇOS COMUNS - RECREIO E REFEITÓRIO

Recomendações da Autism Speaks

- Dê início à rotina de fila do almoço cinco minutos antes dos outros grupos chegarem.
- Reduza o número de escolhas.
- Programações visuais podem ajudar no estabelecimento e na continuação de tarefas de rotina assegurando o seu cumprimento (como colocar o tabuleiro e os talheres nos locais apropriados) e gerir o comportamento.
- As instruções visuais e sugestões podem ser empregadas para ajudar a criança a fazer escolhas ou saber como iniciar ou responder (por exemplo, cartão de dica "Eu gostaria de frango, por favor:").
- Dê instruções positivas que permitam o processamento da linguagem incompleta.
- Use o elogio descritivo para construir comportamentos desejados (por exemplo, "eu gosto da forma como colocas o tabuleiro no lugar!").
- Procure ajuda para criar configurações de organização de jogos em pequeno grupo e num local mais calmo do recreio. Use crianças com habilidades de interesse para motivá-las a participar, uma vez que as exigências sociais são o suficiente para trabalhar.
- Para um aluno com um comportamento particularmente desafiador, trabalhar com a equipa educativa para desenvolver e empregar um elemento de apoio específico do plano de comportamento positivo para as necessidades no almoço /recreio.
- Configure e explique as regras dos jogos no recreio. Se o recreio é demais para um estudante, determine uma área mais calma para os jogos de tabuleiro ou de cartas.
- Minimize o uso de "não" e do "para". Em vez de "Não fiques parado no corredor" diga ao aluno (que não pode ouvir "não" ou que não sabe qual o lugar correto para ficar): "Por favor, senta-te na mesa de almoço".
- Trabalhar com a equipa educativa da escola para oferecer narrativas sociais para ajudar o aluno a entender uma regra ou expectativa. Tomemos como exemplo as seguintes situações: etiqueta da lavagem das mãos, etc..
- Permita aos colegas que são referência para a criança a oportunidade de ser um companheiro de almoço.
- Trabalhar com a equipa educativa para oferecer apoio escrito ou visual para "regras não escritas da cantina ou recreio" e estabelecer convenções sociais.
- Considerar colegas como apoio para alunos vulneráveis – pode ser útil ter a ajuda de outros funcionários para encontrar uma maneira de "emparelhar" os alunos.



NÃO ESQUECER

É importante ter noção da vulnerabilidade social desta população de alunos e a propensão para serem vítimas de comportamentos agressores.



NÃO ESQUECER

Os alunos com autismo não são socialmente experientes e, portanto, se um aluno está a ser intimidado ou torturado em silêncio é provável que ele reaja ou responda.



NÃO ESQUECER

As dificuldades de comunicação de um aluno com autismo. Leve que os outros colegas compreendam uma situação antes de chegar a um julgamento a respeito da falta de comportamento, por exemplo.





“ Na Escola **TODOS** estão convocados! ”

Como forma de mobilizar e capacitar todos os recursos humanos de uma comunidade educativa indicamos os **10 Mandamentos da Ajuda:**

1. Conheça bem todos os seus alunos e como as suas incapacidades se manifestam.
2. Aprenda as perspetivas dos seus alunos e perceba que eles têm dificuldades consideráveis.
3. Observe sempre além dos comportamentos dos alunos para determinar as funções que esses comportamentos podem servir.
4. Não desvalorize a força dos seus alunos, nem imponha normas que eles não podem cumprir.
5. Preste o apoio adequado em relação ao nível do desenvolvimento de habilidades e comportamento dos alunos.
6. Promova as competências do aluno, bem como a sua independência.
7. Procure ativamente informações para ajudar os seus alunos na preparação e execução do apoio de que necessitam para serem bem-sucedidos.
8. Não usurpe o papel dos professores.
9. Deixe o seu ego na porta de casa ou da escola!
10. Desempenhe suas funções com atenção plena, responsável e respeitosamente em todos os momentos.

Fonte: *How to Be a Para Pro [Como ser um Para Pro (Para profissional)]* de Diane Twachtman-Cullen

Lembramos ainda que:

A Educação e formação em PEA pode ocorrer de forma generalizada, onde os alunos aprendem que as diferenças e a sensibilidade não estão relacionadas a um aluno em particular.

O Mês da Consciência sobre o Autismo (abril) oferece muitas oportunidades para se concentrar numa turma e aprender mais sobre as estatísticas e impacto do autismo.

Este pode também ser um tema a levar a assembleia escolar ou a incluir nos programas de sala de aula, adequando o conteúdo com o nível etário dos alunos.

Para crianças mais novas a mensagem poderá ser mais sobre a palavra autismo e como tratar as pessoas que podem ser diferentes, com tolerância e compreensão. Alunos de outros anos de escolaridade, poderiam aprender mais acerca das especificidades inerentes a esta Perturbação do neuro-desenvolvimento, como por exemplo, o que poderiam fazer para ajudar um colega com PEA.

5.4. OS COMPORTAMENTOS DESAFIANTES E AS PRÁTICAS DE GESTÃO DE COMPORTAMENTO

Toda o comportamento é uma forma de comunicação. E no caso dos comportamentos desafiantes, estes não são exceção à regra. Existem de facto quatro razões principais para os comportamentos desafiantes:



1.
Estão a tentar
comunicar algo.



2.
Querem ver a nossa
reação.



3.
Estão a tentar equilibrar a
sobrecarga sensorial.



4.
Estão a tentar fazer o que
acham que os protege.
(Vencer Autismo)

Segundo Paro S. (2020) geralmente são comportamentos que devem ser identificados e que não são culpa da criança:

- O comportamento autoestimulante “Stimming” é um tipo de comportamento repetitivo. Inclui: balançar, pular, girar, bater a cabeça, repetir palavras ou sons, ficar a olhar para as luzes ou objetos giratórios. Geralmente, é um comportamento inofensivo.
- Já os colapsos são geralmente causados por uma perda completa de controle, quando as crianças estão sobrecarregadas.

Sempre que o comportamento ocorrer, é importante considerar o propósito ou a função de tal comportamento. Embora alguns comportamentos sejam provocados biologicamente, muitos são aprendidos ao longo do tempo e por meio de experiências, e moldados pelo que acontece antes e depois que um comportamento ocorre. Outros comportamentos podem ter começado como um resultado biológico – como o ato de coçar –, mas podem se transformar em algo que apresente uma função diferente – como o ato de coçar para chamar a atenção de um professor. (Autism Speaks, 2012)

O comportamento desafiador pode refletir a única maneira de um indivíduo para lidar com uma dificuldade num determinado momento.

Sem a intervenção adequada, estes comportamentos tendem a persistir e podem piorar, criando um ciclo cada vez mais desafiador para a equipa educativa/família. Assim, promover e ensinar um comportamento adaptativo o mais cedo possível, é essencial para o crescimento de longo prazo.

Para desenvolvermos a melhor prática nesta matéria é essencial capacitarmo-nos enquanto educadores para aprender e dominar as ferramentas para lidar e remodelar comportamentos desafiadores.

Muitos pais e educadores fazem ajustes para se adaptarem ao comportamento da criança com PEA, mas, com o tempo, há derivações dos padrões que se tornam um “novo normal”. Isso pode fazer com que, por exemplo, as famílias não isolem os seus filhos de certas atividades habituais como por exemplo, uma ida ao supermercado. O mesmo acontece no ambiente escolar, quando, devido a tais comportamentos, os educadores vêm a necessidade de não permitir a participação do aluno em certas atividades, como por exemplo uma visita de estudo. É importante frisar que estas atitudes por parte dos agentes educativos comprometem as oportunidades de interação social da criança.



Os comportamentos desafiantes podem ter um impacto significativo sobre o indivíduo em muitos aspetos, tais como:

- 👉 Interromper a aprendizagem e, como resultado, limitar o crescimento e o desenvolvimento de longo prazo.
- 👉 Causar cansaço físico, dor, lesões, especialmente quando há envolvimento de agressão e autoflagelo.
- 👉 Limitar experiências e excluir uma pessoa de muitas oportunidades de crescimento ao longo da vida, incluindo brincar, frequentar salas de aula tradicionais, opções de lazer e, eventualmente, opções de trabalho, condições de vida bem como a capacidade de estar integrado na comunidade.
- 👉 Comprometer o estado psicológico de um indivíduo, resultando em depressão, stress, ansiedade e reduzir a autoconfiança e a autoestima.
- 👉 Reduzir a independência e a escolha.
- 👉 Prejudicar relações sociais, bem como longas interações de longo prazo com irmãos, pais, professores e outras figuras de referência.

Quando uma pessoa dentro do quadro do autismo apresenta duas ou mais condições diagnosticadas, chamamos condição comórbida ou diagnóstico duplo. Os comportamentos desafiantes são comuns em indivíduos com diagnóstico duplo, e pode ainda acontecer ter outro problema de saúde mental ainda não diagnosticado.

De acordo com a Autism Speaks (2012), são comportamentos desafiadores mais comuns:

INTERRUPÇÃO ocorre quando um indivíduo exibe comportamentos inapropriados que interferem na função e no fluxo do que está ao seu redor. Ex: a interrupção de uma aula. Estes comportamentos podem incluir bater, chutar ou atirar objetos, derrubar coisas, rasgar coisas, gritar, chorar ou xingar.



EVASÃO refere-se a fugir e não voltar para o lugar de onde uma pessoa saiu. No autismo, a evasão é muitas vezes usada para descrever comportamentos nos quais uma pessoa deixa um lugar seguro, um cuidador ou uma situação supervisionada, trancando-se, perambulando ou fugindo.



INCONTINÊNCIA é, em geral, a incapacidade de controlar a eliminação de fezes ou urina. Para algumas pessoas, esse pode ser um sinal de que há dificuldade em reconhecer sinais do corpo antes que seja tarde demais. Outras vezes este comportamento manifesta-se como um meio de ganhar a atenção ou escapar de uma tarefa ou situação indesejável.



DESCUMPRIMENTO é usado para descrever quando um indivíduo não cumpre ou se recusa a seguir as instruções, normas ou desejos de outra pessoa. O descumprimento pode ser passivo, como não seguir uma direção, ou ativo, como choramingar/chorar, tornar-se agressivo com outrem ou contra si mesmo. Vale lembrar que o descumprimento pode ser propositado, mas às vezes também pode resultar da falta de compreensão, falta de motivação, fadiga ou má organização, ou questões de coordenação motora.



OBSESSÕES, COMPULSÕES E RITUAIS são muitas vezes impulsos fortes e irresistíveis que podem resultar na dificuldade de uma pessoa em cooperar, lidar com uma mudança ou ser flexível e se ajustar. A compulsão que envolve as obsessões e rituais muitas vezes pode levar a novos comportamentos desafiadores se for interrompida ou proibida.



Uma *obsessão* ocorre quando os pensamentos ou sentimentos de uma pessoa são dominados por uma determinada ideia, imagem ou desejo. Por exemplo, uma pessoa que só quer falar de elevadores.

Uma *compulsão* é o impulso para fazer algo em particular ou de uma forma particular. Por exemplo, a necessidade de arrumar todos os lápis ou carrinhos de brincar.

O termo *ritual* é usado para descrever um comportamento repetitivo que a pessoa parece usar de forma sistemática, para se acalmar ou evitar a ansiedade. Por exemplo, organizar todos as almofadas de uma determinada maneira antes de se deitar para dormir.



AGRESSÃO FÍSICA é um ato de força que pode causar danos a outra pessoa e pode incluir bater, morder, agarrar, puxar os cabelos, dar estaladas, chutar, beliscar, arranhar, puxar, empurrar, dar cabeçadas ou jogar coisas.



DESTRUIÇÃO DE BENS inclui o comportamento em que os pertences ou bens são danificados, ou destruídos e pode incluir partir, riscar, rasgar, desfigurar pertences – seus ou de outras pessoas – entre outros.



AUTOFLAGELAÇÃO é a tentativa ou ato de causar dano ao corpo da própria pessoa. A autoflagelação pode estar presente em vários comportamentos, incluindo bater a cabeça, dar estaladas na cabeça, agredir o próprio corpo, bater ou dar estaladas, pressionar o globo ocular, morder-se a si mesmo, apertar feridas e puxar o cabelo.

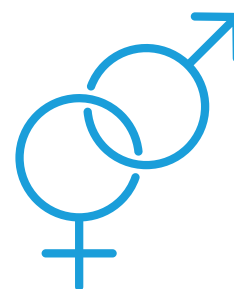


A AUTOMUTILAÇÃO, como cortar a pele, queimar ou quebrar um osso, é menos comum no autismo, a menos que outras condições psiquiátricas co-ocorram.



INADEQUAÇÃO SEXUAL pode assumir várias formas no autismo, podendo ser descrita como uma falta de inibição sexual ou um comportamento de "atuação". A falta de controlo de impulsos e a má compreensão social podem resultar em ações de impulsos sexuais que as pessoas normalmente guardam para si, tais como avanços sexuais (oferecimento), toque sexual, promiscuidade, expor a genitália de alguém, masturbar-se em público, gemidos sexuais, telefonemas obscenos ou voyeurismo (observar a intimidade de outras pessoas).

Dependendo da gravidade e das circunstâncias, a inadequação sexual pode gerar ou ser considerada uma agressão sexual.



COMPORTAMENTO AMEAÇADOR inclui ações físicas que não envolvem lesão ou contato real com outra pessoa – segurar uma faca, por exemplo –, bem como ameaças explícitas ou por escrito a pessoas ou bens.



FÚRIA OU CRISES DE RAIVA descreve uma explosão emocional que pode envolver choro, gritos e comportamento teimoso ou desafiador. A pessoa pode perder o controle do seu estado físico e pode ter dificuldade em acalmar-se, mesmo que o resultado desejado tenha sido alcançado.



AGRESSÃO VERBAL geralmente envolve o uso de ameaças, táticas de intimidação, linguagem negativa, ultimatos e outras formas destrutivas de comunicação.



5.4.1. CAUSAS DO COMPORTAMENTO

São muitas as possíveis causas físicas e questões médicas relacionadas ao comportamento. Reunir informações sobre dor e sintomas pode ser especialmente difícil em indivíduos com PEA, devido a dificuldades de comunicação, respostas variáveis a estímulos sensoriais e à dor, mesmo em pessoas com boa capacidade verbal, mas com falta de autoconsciência.

É importante que equipa educativa e as famílias tenham conhecimento de questões médicas que normalmente acompanham o autismo ou, mais especificamente, os comportamentos desafiadores. Tratar esses problemas menos óbvios muitas vezes pode mudar comportamentos.

Entre os mais conhecidos, a Autism Speaks cita:

DISTÚRBO CONVULSIVO ou epilepsia ocorre em até um quarto dos indivíduos com autismo. As convulsões pontuais podem confundir, uma vez que algumas podem ocorrer à noite, mas deixar efeitos durante o dia, e outras podem aparecer em formas mais leves, como os olhares furtivos.

QUEIXAS GASTROINTESTINAIS OU DISTÚRBIOS DIGESTIVOS como refluxo, dor de estômago, prisão de ventre, dor intestinal e diarreia são frequentemente relatados no autismo.

DISTÚRBIOS DO SONO OU TRANSTORNOS como dificuldade para adormecer, insônia, apneia do sono (respiração interrompida) e ficar acordado à noite costumam ser relatados no autismo.

PROBLEMAS SENSORIAIS devem ser levados em consideração, uma vez que muitos indivíduos com autismo respondem a estímulos sensoriais de forma alterada. Os sons são mais altos, as luzes são mais brilhantes, palavras e estímulos visuais não podem ser apreendidos ao mesmo tempo e o mundo é doloroso ou confuso. Também é importante avaliar os estímulos sensoriais. A visão e audição da criança devem ser submetidas a exames específicos, por exemplo.

Qualquer um destes fatores pode alterar a reatividade de uma pessoa e gerar uma resposta comportamental.

ALERGIAS, DISFUNÇÕES IMUNES OU CONDIÇÕES AUTOIMUNES podem apontar características comportamentais que variam de acordo com a exposição.

AS DORES DE CABEÇA OU ENXAQUECAS a incapacidade de verbalização muitas vezes presente em sujeitos dentro do espectro do autismo, leva a que em situações de doença (como enxaquecas), os efeitos da mesma sejam prolongados.

O desconforto resultante desta situação pode despoletar um comportamento desafiador.

“ Eu tinha uma dor de barriga terrível e não sabia o que fazer sobre isso. Por isso, queria correr. Corria por quilômetros só para tentar fugir da dor. Claro, era uma cidade pequena e todo mundo me conhecia, então, de vez em quando eu acabava voltando para casa. ”






– RT, adulto com autismo

5.4.2. ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Olhar primeiro a pessoa – e não a sua deficiência ou o seu comportamento – será o mais correto e útil, partindo da descoberta dos seus pontos fortes e seus desafios. A abordagem centrada na pessoa permitirá que a equipa educativa encontre as ferramentas e estratégias que serão mais úteis para a criança com PEA enquanto indivíduo e para os profissionais/família enquanto educadores referência.

Neste sentido, a abordagem centrada na família também é importante, por isso, é essencial considerar os valores, prioridades e necessidades específicas da família do aluno com PEA, nomeadamente:








-  O que é que a família considera significativo em relação ao seu filho?
-  Quais são os pontos fortes dele? Quais são as preferências e os medos que observam nele?
-  Como é que a criança responde às perguntas que lhe fazem em casa?

Faça todas as questões que lhe permitirem entender o seu aluno com PEA, a dinâmica da sua família, as prioridades, os pontos fortes, os fatores de desafio/desestruturação, etc.

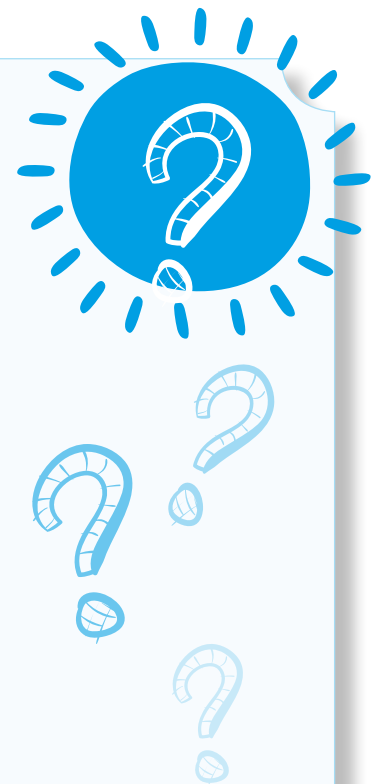
Sair da mentalidade que busca entender como um determinado comportamento nos afeta para uma mentalidade que deseja saber o que pode está a acontecer do ponto de vista do indivíduo é um passo importante na busca de formas de entender o comportamento.

Entender o comportamento permitirá que o educador apoie a substituição de comportamentos mal adaptativos por habilidades funcionais.

Voltar à raiz do comportamento é importante para considerar o possível propósito ou função:

-  Como este comportamento funciona para a pessoa?
-  Será que ela consegue alguma coisa com isso?
-  Será que ela consegue escapar de algo chato ou difícil?
-  Será que ela consegue chamar a atenção?
-  Será que esse comportamento permite que ela tenha um pouco de controle sobre sua vida ou sobre o ambiente?
-  Será que ajuda a bloquear a dor?
-  Será que o aluno está a tentar, através deste comportamento, dizer-me algo

Analisar o comportamento é essencial para que se possa escolher a melhor estratégia de apoio à melhoria do comportamento.



5.4.3. ESTRATÉGIAS POSITIVAS PARA MELHORIA DO COMPORTAMENTO

Muitas vezes, a abordagem certa para controlar o comportamento envolve uma combinação de questões de saúde física ou mental e do uso de apoios comportamentais e educacionais para ensinar habilidades de substituição e de autocontrole. Não há uma receita nem uma solução mágica, apenas um conjunto de estratégias que muitas vezes podem ser úteis.

✓ Apoios Comportamentais Positivos

O uso dos Apoios Comportamentais Positivos é mais do que uma abordagem politicamente correta para administrar o comportamento. A investigação mostra que esses apoios são eficazes.

É possível desenvolver estratégias positivas e um **plano de intervenção** recorrendo a uma equipa educacional, geralmente em resposta ao que é aprendido numa avaliação funcional do comportamento.

Outra metodologia muito utilizada que serve de base à definição destes apoios comportamentais positivos é a Análise ABC, uma abordagem para a compreensão do comportamento através da análise do Antecedente (a causa), o Comportamento e a Consequência (o resultado).

✓ Definição de prioridades

Quando há vários comportamentos desafiadores é importante estabelecer prioridades. Talvez seja melhor começar pelos comportamentos-alvo que sejam particularmente perigosos ou pelas habilidades que possam ajudar a melhorar as situações em diversos cenários de comportamento.

É importante definir metas que sejam realistas e significativas:

- ☀ Comece com pequenos passos que possam ser desenvolvidos ao longo do tempo. Uma criança não verbal não está propensa a falar frases completas, mas se aprender a fazer um cartão de modo a transmitir a intenção de algo, como por exemplo "uma pausa" quando precisar deixar a mesa, permitirá que ele saia sem ter que alterar a dinâmica da sala de aula.
- ☀ Ser realista no início é fundamental. Isto pode ajudar a escola e a família a perceberem que estão a trabalhar por pequenas, mas significativas alterações nas vidas destas crianças e, conseqüentemente, na vida dos seus cuidadores.
- ☀ Ser realista também permite manter a positividade: focar nos progressos de um objetivo e não na perfeição.
- ☀ Definir metas permite medir de forma objetiva o progresso de um resultado desejado.
- ☀ Definir metas permite ainda que a família reflita sobre:
 - “Que mudanças comportamentais realmente representariam mais melhorias nas nossas vidas?”
 - “O que realmente importa fazer?”

Ex: Pode ser mais importante tratar um comportamento como atirar coisas durante uma atividade em sala de aula do que tratar a tendência da pessoa de levantar-se durante as refeições. (Targeting the Big Three cit in Autirm Speaks, 2012))

Reconheça que muitas competências levam tempo para serem desenvolvidas e que as mudanças de comportamento exigem apoios contínuos para que sejam bem-sucedidas. Em alguns casos, especialmente quando se ignora recorrentemente um comportamento que é utilizado para "funcionar" com o seu aluno/filho, o comportamento pode ficar mais intenso ou mais frequente antes que melhore.

Em articulação com a equipa multidisciplinar procure manter bons registos e controlar o progresso e as respostas à intervenção para que saibam se o plano é eficaz.

✓ **Aspetos a considerar na transição entre ambientes educativos**

Como vimos atrás, mudar o ambiente pode muitas vezes reduzir os episódios de comportamento. Expandir situações, relações, lugares e oportunidades que valham a pena.

Se possível, tente ajustar ou evitar situações que provoquem o comportamento desafiador. Incorpore formas de reduzir a frustração e a ansiedade e aumentar a compreensão.

Além das recomendações específicas sobre o ambiente e das estratégias já sugeridas, salientamos a importância destas para a questão comportamental:

- ☀ **Informar transições e mudanças:** reconheça que as mudanças podem ser extremamente inquietantes, especialmente quando são inesperadas.
- ☀ **Agrupar colegas ou funcionários de forma adequada para as atividades ou períodos desafiadores:** algumas pessoas são mais calmas do que outras em determinadas situações.

✓ **Construção de um sentimento de orgulho das realizações e responsabilidade pessoal**

Este tipo de estratégias ajudará a reduzir a ansiedade e reatividade que resulta na agressão ou em outros comportamentos:

- ☀ **Comemore e desenvolva energia e sucessos:** diga ao aluno o que ele faz bem e o que gosta que ele faça. Ter uma noção da habilidade muitas vezes promove o interesse e a motivação. Esforce-se para dar um feedback positivo com muito mais frequência do que qualquer correção ou feedback negativo. *"fizeste um excelente trabalho em colocar os pratos no lava loiça".*
- ☀ **Respeite e ouça o aluno:** talvez tenha que olhar para as coisas que a criança lhe diz, verbalmente ou por meio das suas escolhas e ações. Ex: *"Continuas sentado nesse lado da mesa. O sol está a bater nos teus olhos?"*
- ☀ **Confirme as preocupações e emoções do aluno:** não deixe de lado os temores deles nem diga que ele não precisa preocupar-se. As emoções dele são muito reais. Ajude a dar uma linguagem ao que está a sentir. Ex: *"Eu sei que tu não gostas de aranhas. Estou a ver que estás com muito medo agora". "Estou a ver que estás irritado porque os nossos planos mudaram..."*
- ☀ **Forneça expectativas claras de comportamento:** Mostre ou diga o que espera que o aluno use os recursos visuais, fotografias ou modelos de vídeo. A técnica **Falar-Mostrar-Fazer** é uma ótima maneira de ensinar novas habilidades.
- ☀ **Prepare o aluno para o sucesso educativo:** ajude. Aceite uma resposta de uma palavra em vez de exigir uma frase inteira.

- ☀ **Ignore o comportamento desafiador:** dê o seu melhor para evitar que o comportamento desafiador sirva como uma forma de comunicar ou ganhar. Pode ser difícil, mas a longo prazo é eficaz. Não permita que os gritos do aluno, façam com que ele consiga o que quer. Os comportamentos podem piorar antes de começar a melhorar. Mantenha-se firme! Certifique-se de que todos os membros da equipa educativa estão consistentes nesta abordagem e que esta seja combinada com outras estratégias positivas.
- ☀ **Alterne as tarefas:** faça algo que seja divertido, motivador ou no qual o seu aluno seja bom. Depois, tente algo difícil. Ele vai ser menos inclinado a desistir ou ficar agitado, se já estiver num cenário positivo.
- ☀ **Ofereça escolhas, mas dentro de parâmetros:** Pode ter controle sobre as escolhas que você oferece. *"Queres ler a história primeiro ou pintar?"*
- ☀ **Forneça acesso a pausas:** ensine o aluno a pedir uma pausa quando ele precisa se recompor (por exemplo, use um cartão PECS que represente "pausa"). Certifique-se de fornecer a pausa quando ele pedir para que ele aprenda a confiar nessa opção e não tenha que recorrer a comportamentos desafiadores.
- ☀ **Promova o uso de um local seguro e calmo:** Ensine-o a reconhecer quando ele precisar ir para lá. Essa é uma estratégia positiva, não uma punição.
- ☀ **Estabeleça sistemas de reforço:** use processos simples e previsíveis que recompensem o seu aluno por ter apresentado o comportamento desejado. Surpreenda-o fazendo algo bom e recompense-o verbalmente e com atividades. Ex: *"Adorei que tivesses ficado comigo enquanto eu corrigia os trabalhos. Ganhaste uma ida ao recreio comigo!"*
- ☀ **Separe horários e um local para que ele possa fazer o que quiser:** é importante proporcionar essas opções sendo a escola um espaço tão ruidoso e populoso.
- ☀ **Recompense a flexibilidade e o autocontrole:** *"Sei que querias ir para a piscina hoje e que foi chato porque a professora faltou. Por teres aceite esta a mudança de planos, vamos passar tempo na sala sensorial ou na caixa de areia?!"*
- ☀ **Escolha as suas batalhas:** Esforce-se para o equilíbrio. Concentre-se nos comportamentos e habilidades que forem mais essenciais. Certifique-se de incluir feedback positivo e intercalar oportunidades para o sucesso e diversão. Seja resiliente. Comemore a diversão e as coisas boas!
- ☀ **Utilize linguagem positiva/proativa:** utilize uma linguagem que descreva o que você quer que o indivíduo faça. Ex: *"Adorei a forma como usaste as cores"*

Pesquisas mostram que as estratégias positivas e com base em reforços são mais eficazes para criar uma mudança comportamental a longo prazo. No entanto, também é importante ter uma resposta imediata a um comportamento, a fim de manter a segurança ou minimizar as confusões. Planear com antecedência e antecipar o tipo de situações possíveis é importante.

ESTRATÉGIAS MAIS REATIVAS

- ☀ **Ignorar o comportamento (extinção)** é uma estratégia bastante utilizada quando o comportamento é utilizado para chamar a atenção e é moderado ou não representa ameaça. Ignorar o comportamento difícil significa não ceder ao comportamento que se está a tentar eliminar.
- ☀ **O Redirecionamento**, que muitas vezes é auxiliado com elementos visuais, pode envolver o redirecionamento a um comportamento ou resposta adequada e geralmente é associado a estratégias positivas.
- ☀ **A remoção de uma situação ou esforço** com recurso a um momento de isolamento muitas vezes é utilizada para acalmar a pessoa. *Ao contrário do que a maioria das pessoas acredita, isolar a criança não é deixá-la sentada numa cadeira por alguns minutos. O isolamento faz com que a criança perca acesso às coisas legais e divertidas como resultado de um comportamento problemático, geralmente removendo-a do ambiente que tem essas coisas legais e divertidas. O isolamento somente pode ocorrer quando o indivíduo estiver envolvido na atividade. Ou seja, se nada divertido estava a acontecer antes do isolamento, estará simplesmente a remover a pessoa de um ambiente não estimulante e não envolvente para outro do mesmo tipo.* (Autism Speaks, 2012)

Determinados comportamentos (os que são perigosos ou prejudiciais) são mais difíceis de ignorar e, às vezes, precisam ser redirecionados ou bloqueados (por exemplo, colocar uma almofada perto da cabeça da criança para que ela não se magoe enquanto se bate), mesmo enquanto o adulto se esforça para não deixar que o comportamento ‘vença’.

5.4.5. SITUAÇÕES DE CRISE

Geralmente, quando a criança está envolvida no estado ativo e disruptivo de um comportamento, como um ataque de raiva ou agressão, **o foco principal deve estar direcionado à segurança da criança e das pessoas que estiverem perto dela.**

É importante lembrar que, quando a criança está no modo de colapso total, ela não é capaz de raciocinar, ser redirecionada ou aprender habilidades substitutas. No entanto, esse nível de agitação geralmente não começa do nada.

É possível, enquanto educador(a), aprender habilidades que o(a) ajudem a prever e controlar uma situação de intensificação do comportamento que pareça estar a caminhar para um colapso.



A preparação e as estratégias para lidar com essas situações e manter-se calmo durante elas são etapas fundamentais e, por isso, é importante que a equipa educativa e a família desenvolvam um **plano de crise** juntos. De acordo com a Autism Speaks (2012), um plano bem elaborado incluirá:

- ✓ Eventos ou sinais definidos que indicam que uma situação de crise se pode desenvolver.
- ✓ Ferramentas e estratégias para manter a pessoa e todos os que estiverem por perto em segurança, em qualquer ambiente (escola, casa, comunidade).
- ✓ Etapas e procedimentos de intervenção que provam a diminuição do comportamento e que estejam associados, em cada nível, aos níveis crescentes de agitação.
- ✓ Lista de coisas a fazer e NÃO fazer que sejam específicas à história, aos medos e às necessidades do indivíduo.
- ✓ Formação/treino prático para cuidadores e equipa educativa.
- ✓ Recolha e monitorização de dados para reavaliação contínua da eficácia do plano.
- ✓ Conhecimento da instalação mais bem preparada, caso uma hospitalização ou visita de urgência seja necessária.

COMO ACALMAR UMA SITUAÇÃO DE INTENSIFICAÇÃO DE COMPORTAMENTO

- Esteja atento aos sinais de alerta.
- Tente reduzir os elementos de stress removendo os elementos que causam distração, oferecendo uma atividade ou objeto tranquilizante ou mudando para um espaço mais calmo.
- Continue calmo, já que o comportamento da pessoa provavelmente despertará emoções em si.
- Seja gentil e paciente.
- Dê espaço ao indivíduo.
- Dê instruções claras e utilize uma linguagem simples.
- Concentre-se em fazer com que a pessoa volte a um estado calmo e estável proporcionando-lhe alguns minutos numa atividade tranquila e relaxante.
- Elogie as tentativas de autocontrolo e a utilização de estratégias como respirar fundo.
- Debata a situação ou ensine respostas alternativas e mais adequadas assim que a pessoa conseguir ficar calma.
- Faça uma recapitulação com a pessoa e com a equipa educativa para que todos estejam preparados para um maior reconhecimento dos sinais e estratégias de autocontrolo em situações futuras.



**KEEP
CALM**



NO MEIO DE UMA SITUAÇÃO DE CRISE

1. Permaneça o mais calmo possível.
2. Avalie a gravidade da situação.
3. Siga o plano de crise e concentre-se na segurança.
4. Determine com quem entrar em contato.



Muitas vezes, quando os comportamentos graves e perigosos representam um risco de danos físicos à pessoa ou aos outros que estiverem por perto, é necessário utilizar limitações físicas ou isolamento para manter a segurança.



Repressores físicos incluem a imobilização ou redução da capacidade de uma pessoa de mover seus braços, pernas, corpo ou cabeça livremente.

O isolamento (colocar a pessoa por alguns instantes numa sala, sozinha, para que ela se ‘acalme’) é utilizado com frequência em escolas e outros ambientes de grupos. O isolamento pode servir como uma alternativa rápida a uma ameaça imediata, mas, a longo prazo, não é uma solução para o comportamento em si, principalmente se a função do comportamento é fugir ou evitar algo.

É importante observar que, embora as limitações e o isolamento possam servir para manter a segurança, são intervenções que devem ser utilizadas como último recurso e apenas quando intervenções alternativas e menos restritivas não forem eficazes, viáveis ou seguras.

A utilização indevida destas técnicas pode ter graves consequências físicas e emocionais. Os pais e educadores devem procurar e receber orientações e formações profissionais sobre: intervenções e suportes comportamentais positivos, prevenção de crises e implementação segura de técnicas de limitações e isolamento, quando necessário.

5.5. RECURSOS EDUCATIVOS

As características de aprendizagem das crianças com Perturbação do Espectro do Autismo são variáveis. A utilização de recursos e métodos didáticos ajudarão as crianças com Perturbações do Espectro do Autismo a aceder a todos os aspetos do currículo. Seguem-se alguns dos recursos mais eficazes para autismo e estratégias inclusivas para ajudar estas crianças a sentirem-se incluídas em contexto sala aula.

5.5.1. ESTRUTURA UNIVERSAL DO PENSAMENTO:

Este kit de ferramentas instruccionais, expresso no exemplo da figura 7 e 8, fornece aos professores e às crianças uma linguagem organizada para a aprendizagem. Os símbolos e descrições simples das ações de aprendizagem permitem às crianças de todas as idades acederem ao currículo de forma mais eficaz.



Figura 7



Figura 8

5.5.2. A IMPORTÂNCIA DE COLORIR

Os estudos sobre a Perturbação do Espectro do Autismo indicam que realizar atividades relacionadas com o colorir, demonstram-se exercícios fundamentais para acalmar e aumentar o foco das crianças. Exercícios de colorir como o da figura 9 e 10 são opções a considerar.



Figura 9



Figura 10

5.5.3. BRINQUEDOS FIDGET

Os brinquedos fidget, como o exemplo da imagem 11, são um famoso recurso sensorial para ajudar as crianças com Perturbação do Espectro do Autismo e outras perturbações do processamento sensorial a manterem-se concentradas e calmas.



Figura 11

Os professores podem comprar brinquedos fidget já prontos para a sua sala de aula ou utilizar os que codesevolveram com os seus alunos. Este brinquedo pode relaxar a mente da criança e, ao fazê-lo, melhorar a sua memória de trabalho e as suas capacidades de funcionamento executivo.

5.5.4. CARTÕES DE EMOÇÃO

Tratam-se de cartões, como os da figura 12, imprimíveis para crianças com esta perturbação do neuro desenvolvimento, uma vez que, podem ajudá-las a reconhecer várias emoções nos outros e em si mesmas.

Exemplo de dinâmica: O professor baralha os cartões de emoções. Depois, mostra cada cartão aos alunos e vê se eles conseguem identificar a emoção sem olhar para o texto. Se não forem capazes de reconhecer a emoção, o professor mostra a palavra e explica a emoção mostrada. Por exemplo, se o cartão for “feliz”, o professor poderia dizer: “Quando alguém está feliz, pode expressá-lo sorrindo ou rindo em voz alta”.

5.5.5. ORGANIZADORES GRÁFICOS

Ferramentas visuais como mapas mentais e diagramas Venn, como os expostos na figura 13 que facilitam os alunos a desenvolverem novas ideias e capturarem os seus pensamentos.

Feelings Cards



Figura 12

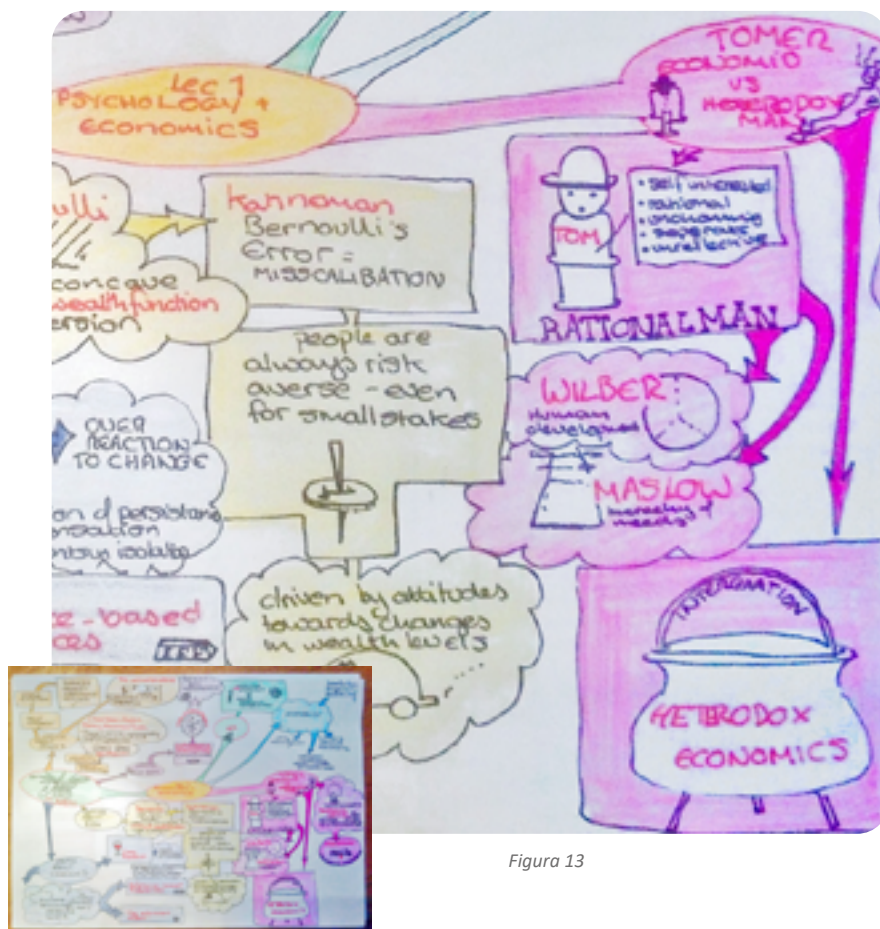


Figura 13

5.5.6. CAIXAS SENSORIAIS

Estas caixas são úteis para crianças com PEA por dois motivos:

- Encorajam o lúdico independente proporcionando benefícios educacionais ao aluno.
- Proporcionam uma experiência sensorial acessível aos alunos com esta condição.

As caixas sensoriais, como o exemplo apresentado nas figuras 14 e 15, proporcionam uma grande oportunidade para as crianças com PEA aprenderem e explorarem através de brincadeiras tácteis.



Figura 14



Figura 15

ANEXO 1- "TENHO UM ALUNO COM AUTISMO NA MINHA SALA DE AULA. E AGORA?"

GUIA DE SOBREVIVÊNCIA

1º PASSO

No 1º Ciclo, se sou titular da Turma: devo reunir com os Pais e recolher informação concreta acerca do que o filho gosta e o que o filho não gosta, para determinar o que deve ser evitado fazer e o que pode ser feito para motivar/controlar comportamentos mais disruptivos; Deve passar essa informação a todos os professores (AECS) e a todas as auxiliares.

Nos restantes ciclos: se sou a diretora de Turma, devo reunir com os Pais e recolher dos Pais informação concreta acerca do que o que o filho gosta e o que o filho não gosta, para determinar o que deve ser evitado fazer e o que pode ser feito para motivar/controlar comportamentos mais disruptivos; Devo posteriormente enviar essa informação a todos os professores que compõem o Conselho de Turma e a todas as auxiliares (no 2º ciclo, 3º ciclo e secundário, poderá fazer-se através da chefe dos auxiliares).

NOTA: este trabalho deve ser feito em articulação com a professora de Educação Inclusiva



OBSERVAÇÕES:

- Há comportamentos do professor, dos auxiliares de educação e dos colegas de turma que podem gerar momentos de descontrolo por parte do aluno que tem autismo. Esses devem ser evitados e só podem ser evitados se a comunidade escolar souber que comportamentos são. Ninguém melhor que os pais conhece a criança, e é apenas pelos pais que podemos chegar mais rapidamente ao aluno. Por outro lado, há comportamentos que os acalmam em situações de stress. Com a ajuda dos pais saberemos mais rapidamente quais são e poderemos aplicá-los quando necessário.
- É fundamental que os auxiliares de educação sejam informados, pois são peça fundamental no sucesso. Na verdade, os auxiliares passam muitas vezes mais tempo com estes alunos do que o professor/os professores.

2º PASSO:

Como titular da turma ou diretor de turma, devo procurar informação fidedigna acerca deste espectro e das suas características principais. Também aqui posso encurtar caminho e pedir ajuda à professora de Educação Inclusiva. A partir daqui, destaco duas situações:

Dar formação a professores e auxiliares: deve construir-se um panfleto, ou procurar já feitos junto de Associações de Autismo e disponibilizar na escola; junto destas associações, deve pedir-se ajuda com formações. Estas associações são especializadas no espectro, muitas vezes criadas por pais de crianças com Autismo.

Trabalhar a turma para a inclusão deste colega: junto das associações de autismo, deve procurar-se um vídeo e atividades adequadas à idade dos alunos em questão para se sensibilizar para a inclusão do aluno com autismo. Os colegas devem estar conscientes das limitações e das potencialidades deste colega; devem saber que comportamentos têm que evitar e que comportamentos têm que promover com este colega; pode/deve nomear-se um colega tutor para aluno, que deve ser um colega com perfil, que se voluntarie. Não pode ser nomeado sem ter vontade própria ou perfil.



OBSERVAÇÕES:

- Nos pontos acima pode pedir-se o testemunho dos pais, caso estejam capazes para tal. (Há pais que não são capazes, porque ainda estão a viver o seu estado de negação, luto, revolta. Deve aceitar-se e compreender-se).

O QUE EVITAR DE MODO GERAL COM UM ALUNO COM AUTISMO:

- ✘ Não tratar o aluno pelo diminutivo do nome. Deve ser tratado como os restantes alunos. O diminutivo do nome transparece pena o que fere os pais.
- ✘ Todas as situações devem ser explicadas e qualquer alteração à rotina deve ser antecipada. Por exemplo, se no dia seguinte não houver aula de música porque há uma ida à biblioteca, o aluno deve ter esta informação na sua posse com antecedência. Não pode saber apenas no momento, pois isso pode desencadear um comportamento disruptivo, fazendo sobressair as estereótipos (movimentos involuntários que não conseguem controlar).
- ✘ Deve dar-se a estes alunos a possibilidade de substituírem o livro e o caderno pelo tablet e pelo computador. Por norma, têm comprometida a motricidade fina (detestam escrever) e são barrados nas tecnologias, estando super motivados para o seu uso.
- ✘ Deve evitar-se o toque, sobretudo o agarrar ou o prender em situações de crise ou descontrolo.
- ✘ Deve privilegiar-se o ensino pelo recurso a imagem: vídeos, power points, jogos interativos. Têm uma memória visual fantástica.
- ✘ Os conteúdos devem ser simplificados e esquematizados.
- ✘ Sempre que possível, deve ensinar-se a matéria recorrendo a elementos da vida diária destes alunos. Por exemplo, se quero ensinar o sujeito, o predicado, o verbo, o complemento direto, e o aluno se chama Luís e adora comboios, posso colocar a frase: O Luís adora comboios. O facto de a frase ser sobre si mesmo, sobre a sua realidade, aumenta a motivação e a compreensão.
- ✘ Todos os conteúdos que são lecionados devem ter duas fases: a apresentação em vídeo ou power point, e depois atividades em que se verifica a apreensão.
- ✘ As fichas de trabalho devem ser pequenas. Nunca colocar vários exercícios na mesma folha. Faz confusão/distração visual e desmotiva o aluno pelo facto de ver de uma só vez que tem muito trabalho para fazer.
- ✘ Atenção aos barulhos e áudios. Se possível, coloque-se o aluno com fones e ele mesmo regula o volume. Se o áudio é apenas para a restante turma, fale-se com os pais sobre a possibilidade de o aluno ter sempre na mochila os protetores de ouvidos (são uma espécie de phones que cortam o som).
- ✘ Para estes alunos os trabalhos de casa não podem ser ditados. O professor deve garantir, ele mesmo, ou supervisionar, que o registo é feito.
- ✘ Deve trabalhar-se ao máximo a autonomia do aluno e não deixar que os colegas façam tudo por ele porque o consideram incapaz. Se não ensinarmos a fazer, se não deixarmos tentar, nunca irá conseguir. (isto deve ser explicado à turma).

ATENÇÃO:

- Não é uma receita. Todos os alunos no espectro do autismo são diferentes. Poderão encontrar um aluno com autismo que adore receber e dar mimo, por exemplo.
- Não devemos nunca tentar mudar o aluno. A escola deve moldar-se a ele.
- Devemos acreditar sempre que são capazes, porque são. No entanto, só o conseguem mostrar se lhe dermos a possibilidade de o fazer por um caminho pedagógico diferente.



ANEXO 2

Panfleto para suporte à informação da turma/comunidade escolar

É IMPORTANTE

Olhar primeiro a pessoa em vez do seu comportamento ou deficiência.

Descobrir os seus pontos fortes e seus desafios.

O QUE NÃO SE DEVE FAZER

- Tratar a pessoa pelo diminutivo do nome.
- Tocar e agarrar sem saber se a pessoa tolera.
- Não explicar que alguma coisa vai mudar face à rotina.
- Não pedir para fazer várias coisas de uma só vez.
- Não fazer as coisas pela pessoa. Estimular a sua autonomia.

SABIAS QUE?

Albert Einstein
Bill Gates
Isaac Newton
Vincent Van Gogh
Steven Spielberg
Leonardo Da Vinci

eram autistas?



ESTAMOS TODOS ENVOLVIDOS

Todas as crianças importam e importam mesmo!

A escola é para todos e para cada um.

UNESCO

+IncEdu

Co-funded by the Erasmus+ Programme of the European Union



AUTISMO

Conhecer para compreender




inc4edu@gmail.com

<https://redipa.pt/projeto-enceta/>

facebook.com/ProjetoEducaçãoInclusiva

inc4edu_inclusiva@redipa.pt



Folheto disponível para imprimir (frente e verso).



O QUE É?

O autismo não é uma doença! É a perturbação do desenvolvimento mais comum do mundo.

Não há uma causa: por razões genéticas, biológicas e fatores ambientais o cérebro não se desenvolve de acordo com o padrão.

Trata-se de uma perturbação severa da interação social e da comunicação, que condiciona os comportamentos e atitudes da criança, afetando a sua forma de se relacionar com os outros e de se envolver no ambiente que a rodeia.



Interação social

SABE MAIS...

O autismo é 4 x mais frequente em meninos do que em meninas.

Manifesta-se entre os 18 meses e os 5 anos.

É um síndrome e, como tal, aparece num espectro com vários níveis.

Não existe uma cura para o autismo. No entanto, algumas crianças têm progressos significativos.

CARACTERÍSTICAS

- Repete palavras, frases ou sons que ouve ("ecolália").
- Evita o contacto físico e, muitas vezes, o contacto visual também. Revela dificuldade de relacionamento com outras pessoas.
- Tem um especial interesse por alinhar objetos. Fixação por objetos ou temas.
- Dificuldade em interpretar expressões faciais.
- Esteriotipias/movimentos repetitivos. Inste na repetição e resiste à mudança de rotina.
- Alguns descoordenação motora. Hipersensibilidade perceptível ou extrema atividade.
- Não tem noção do perigo. Dificuldade em expressar necessidades.
- Aparente insensibilidade à dor. MAS hipersensibilidade sensorial (ruído, cheiro, luz).

O QUE IMPORTA SABER

As crianças no quadro no autismo têm muitas vezes comportamentos desafiantes.

Quais as potenciais razões da criança para isso?

 Tentar comunicar

 Ver reações

 Equilibrar sobrecarga emocional

 Auto-proteção

COMO POSSO AJUDAR?

- Fica atento aos sinais de alerta.
- Diminui/retira tudo o que cause stress e distração, oferecendo uma atividade ou objeto que transmita calma.
- Se gentil e paciente. Dá espaço à pessoa.
- Dá instruções clara à pessoa e fala de maneira simples.

KEEP CALM Mantém-te calmo(a). O comportamento da pessoa também despertará emoções em ti.

5. EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA PRÁTICA: ALUNOS DENTRO DO ESPECTRO DO AUTISMO

ÍNDICE 

É IMPORTANTE

Olhar primeiro a pessoa em vez do seu comportamento ou deficiência.

Descobrir os seus pontos fortes e seus desafios.

O QUE NÃO SE DEVE FAZER

- Tratar a pessoa pelo diminutivo do nome.
- Tocar e agarrar sem saber se a pessoa tolera.
- Não explicar que alguma coisa vai mudar face à rotina.
- Não pedir para fazer várias coisas de uma só vez.
- Não fazer as coisas pela pessoa. Estimular a sua autonomia.

SABIAS QUE?

Albert Einstein
Bill Gates
Isaac Newton
Vicent Van Gogh
Steven Spielberg
Leonardo Da Vinci

eram
autistas?



ESTAMOS TODOS ENVOLVIDOS

Todas as crianças importam e importam mesmo!

A escola é para todos e para cada um.

UNESCO



inc4edu@gmail.com



<https://edupa.pt/projeto-inc4edu/>



[facebook.com/Projeto Educação Inclusiva](https://facebook.com/ProjetoEducaçaoInclusiva)



[inc4edu_inclusiveeducation](https://www.instagram.com/inc4edu_inclusiveeducation)

+IncEdu



Co-funded by the
Erasmus+ Programme
of the European Union



AUTISMO

Conhecer para compreender



O QUE É?



O autismo não é uma doença! É a perturbação do desenvolvimento mais comum do mundo.

Não há uma causa: por razões genéticas, biológicas e fatores ambientais o cérebro não se desenvolve de acordo com o padrão.

Trata-se de uma perturbação severa da interação social e da comunicação, que condiciona os comportamentos e atitudes da criança, afetando a sua forma de se relacionar com os outros e de se envolver no ambiente que a rodeia.



SABE MAIS...



O autismo é 4 x mais frequente em meninos do que em meninas..

Manifesta-se entre os 18 meses e os 3 anos.

É um **síndrome** e, como tal, **aparece num espectro com vários níveis**.

Não existe uma cura para o autismo. No entanto, algumas crianças têm progressos significativos.

CARACTERÍSTICAS



Repete palavras, frases ou sons que ouve ("ecolália").



Evita o contacto físico e, muitas vezes, o contacto visual também. Revela dificuldade de relacionamento com outras pessoas.



Tem um especial interesse por alinhar objetos. Fixação por objetos ou temas.



Dificuldade em interpretar expressões faciais.



Estereotipias/movimentos repetitivos. Insiste na repetição e resiste à mudança de rotina.



Alguns descoordenação motora. Hiperatividade perceptível ou extrema inatividade.



Não tem noção do perigo. Dificuldade em expressar necessidades.



Aparente insensibilidade à dor. MAS hipersensibilidade sensorial (ruído, cheiro, luz).

O QUE IMPORTA SABER

As crianças no quadro no autismo têm muitas vezes comportamentos desafiantes.

Quais as potenciais razões da criança para isso?



Tentar comunicar



Ver reações Equilibrar sobrecarga emocional



Auto-proteção



COMO POSSO AJUDAR?



Fica atento aos sinais de alerta.



Diminui/retira tudo o que causa stress e distração, oferecendo uma atividade ou objeto que transmita calma.



Sê gentil e paciente. Dá espaço à pessoa.



Dá instruções clara à pessoa e fala de maneira simples.

KEEP CALM

Mantém-te calmo(a). O comportamento da pessoa também despertará emoções em ti.

RECURSOS ADICIONAIS



A **PLATAFORMA AUTRAIN** é o primeiro recurso online aberto que pode ser utilizado para diversos fins e que funcionará como um enquadramento europeu para a informação e para cursos relacionados com a inclusão social ativa na vida diária de pessoas com PEA. Conforme mencionado, a plataforma AuTrain é o único recurso que pode ser usado para diversos fins. Em primeiro lugar, para se obterem informações gerais sobre a PEA, nomeadamente características, etiologia, ou interação e comunicação, em situações da vida diária, com as pessoas com PEA. Em segundo lugar, para se implementar um curso de formação que se enquadre nos padrões modernos de educação e formação vocacional em ambientes de ensino híbrido (blended learning).

Por este motivo, a Plataforma AuTrain pode estabelecer-se como um recurso europeu e uma plataforma conjunta centralizadora do trabalho teórico e prático na área da PEA e da inclusão social de pessoas com PEA.



A **SERCRI** nasce de um projeto, inicialmente denominado “Ser Criança”, vocacionado para a venda de materiais relacionados com a Terapia Ocupacional e a Integração Sensorial, projeto este iniciado pela terapeuta ocupacional pediátrica Ana Teixeira, especializada em integração sensorial.

A SerCri é atualmente uma empresa que disponibiliza uma plataforma com loja online para aquisição desses produtos, facilitando o acesso e a compra aos pais, professores, educadores, terapeutas, entre outros.

Os demais produtos são frequentemente recomendados para crianças com determinados tipos de dificuldades, como dificuldades na autorregulação, na motricidade fina, na alimentação, etc.

Desta forma, possibilitamos o acesso a soluções que permitem adaptar a forma como certas tarefas são desempenhadas ou treinar/facilitar o desenvolvimento de diferentes competências, com o objetivo final de promover a participação e desempenho da criança em diversas atividades/ocupações do seu quotidiano.

A gama de produtos disponibilizados são frequentemente utilizados pelos Terapeutas Ocupacionais na sua prática clínica e, muitas vezes, também recomendados a pais, professores e educadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, M. (2021). Neurotípico e Neurodiversidade; Instituto Inclusão Brasil. <https://institutoinclusaobrasil.com.br/neurotipico-e-neurodiversidade/>

Autismo e Realidade (2020) – O que é uma comorbidade? <https://autismoerealidade.org.br/2020/01/07/o-que-e-comorbidade/>

Autism Speaks. (2012). Autism and Challenging Behaviors: Strategies and Support. <https://www.autismspeaks.org/sites/default/files/2018-08/Challenging%20Behaviors%20Tool%20Kit.pdf>

Autism Speaks. (2011), School community tool kit. <https://www.autismspeaks.org/tool-kit/school-community-tool-kit>

Lima., C. (2018). Perturbação do Espectro do Autismo Contributos para a caracterização do desenvolvimento da comunicação e da linguagem. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/32770/1/ulfl242735_td.pdf

Nascimento, G. A., & Souza, S. F. (2018). A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA): possibilidade de intervenção psicopedagógica através da Análise do Comportamento Aplicada. Revista do Curso de Pedagogia da Universidade Fumec - Paidéia, XIII (19). Recuperado de <http://www.fumec.br/revistas/paideia/article/view/6322/3136>

Paro, S. (2020) “Comportamento e Autismo”, ABA+ Inteligência Afetiva. <https://abamais.com/comportamento-e-autismo/#:~:text=Os%20comportamentos%20desafiadores%20podem%20ser%20repetitivos%2C%20ou%20uma,-ser%20prejudicial%20para%20si%20ou%20para%20outras%20pessoas.>

Ribeiro, E. (2020). Vencer Autismo: comportamentos desafiantes: causas e como lidar com eles?, Ribeiro, 2020. <https://vencerautismo.org/2020/02/comportamentos-desafiantes-causas-licidar/>

Rosa., S. (2022). Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e sua Contribuição Para a Inclusão de Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) <https://repositorio.uninter.com/handle/1/905>

